

# A PERFORMANCE POÉTICA

Gilmar Leite Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esse artigo é uma reflexão sobre a performance poética, a partir das noções filosóficas de Merleau-Ponty e Paul Zumthor, compreendendo o corpo em movimento, por meio do dizer poético. Nessa pesquisa fenomenológica, a experiência estética através da performance poética revela o corpo de maneira indeterminada e imprevisível, onde os gestos, as palavras e a expressão revelam o poeta, por meio de uma metafísica da existência, para uma comunicação sensível do poeta com o mundo em que está inserido. Aqui, a performance poética dimensiona a vida para uma plasticidade, onde o sensível liga corpos, expande a existência, por meio de um logos estético, e cria um fio condutor de sensibilidade para uma interação entre os corpos que se expandem numa existência sensível, repleta de sentidos e significados, sempre renovados a cada experiência estética vivida pelo poeta e o ouvinte.

**Palavras Chave:** Poesia; Performance, Comunicação. Experiência Estética

Esse artigo reflete sobre a performance poética. Nele, mostra-se o corpo em movimento no ato da declamação da poesia e a comunicação, entre o poeta e o ouvinte, num entrelaçamento sensível que unifica os corpos para uma existência fundamentada na experiência estética.

**ABSTRACT:** This article is a poetic reflection on the performance, from the philosophical notions of Merleau-Ponty and Paul Zumthor, including the body moving through the poetic to say. In this phenomenological research, the aesthetic experience through performance poetry reveals the body so uncertain and unpredictable, where the gestures, words and expression reveal the poet through a metaphysics of existence for a poet's sensitive communication with the world that is inserted. Here the poetic performance scales for a life plasticity, where the sensitive alloy bodies, expands through the existence of an aesthetic logos and creates a thread of sensitivity to an interaction between the body expand in a sensuous existence, full of sense and meaning, always renewed every aesthetic experience, lived by the poet and the listener.

**Keywords:** Poetry, Performance, Communication. Aesthetic experience

A performance poética nesse artigo não diz respeito ao movimento do corpo em termos de alcançar algum fim, como algo já determinado, muito comum no esporte de alto nível técnico e de desempenho físico, o qual se propõe a alcançar uma meta estabelecida pelos padrões do rendimento esportivo. Nessa nova visão, a performance poética é o movimento do corpo de forma indeterminada, em que o gesto, a voz, a expressão e a comunicação, a cada experiência vivida esteticamente, mostram-se no mais alto grau da imprevisibilidade do dizer poético.

<sup>1</sup> Doutorando em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Educação Física Grupo: Corpo e Cultura de Movimento. Laboratório Ver.



Para a compreensão da performance poética foi necessário buscar na filosofia de Merleau-Ponty uma reflexão sobre o corpo em movimento, a expressão da palavra dita através do gesto e a estesia na explosão sensível do corpo no ato do dizer poético. Reflete-se também sobre a performance, por meio de Paul Zumthor, como uma compreensão da comunicação dos corpos interligados pelo entrelaçamento sensível que a poesia proporciona aos corpos envolvidos na ato da performance.

Não há algo pronto e estabelecido no ato da performance poética. O corpo se expressa e se comunica a partir do instante em que a poesia invade as cavernas das sensações, elevando o estado sensível do poeta para um universo de movimentos que não foram ensaiados e muito menos determinados. A voz e os gestos ganham amplitude, a cada momento, num fazer e refazer de novos sentidos e significados, abrindo os canais da comunicação para o que ainda não foi vivido e alargando o horizonte da percepção, impulsionada pela ação de uma situação única, jamais reproduzível

Para ouvir a voz que pronunciou nossos textos, basta que nos situemos no lugar em que seu eco possa talvez ainda vibrar: captar uma performance, no instante e na perspectiva em que ela importa, mais como ação do que pelo que ela possibilita comunicar. Trata-se de tentar perceber o texto concretamente realizado por ela, uma produção sonora: expressão e falas juntas, no bojo de uma situação transitória e única. A informação transmite-se assim num campo dêictico particular, jamais exatamente reproduzível, e segundo condições variáveis, dependendo do número e quantidade dos elementos não lingüísticos em jogo. (ZUMTHOR, 1993, p. 219)

Na performance poética, os movimentos do corpo nunca se repetem, mesmo sendo a mesma poesia. A cada declamação, o corpo toma uma dimensão diferente, fazendo com que a voz e os gestos revelem novos movimentos e entonações e dê uma nova amplitude à expressão, proporcionando inusitadas comunicações entre o poeta e o público presente.

O dizer poético amplia a dimensão corpórea para uma plasticidade de movimentos em que as palavras harmonizam o ritmo do corpo. Cada ges-

to e cada som, em uníssono, fazem o corpo dançar uma música de beleza expressiva, compondo uma orquestra de sensações regida pelos versos que fluem na melodia das palavras movidas pelo corpo em movimento. “A performance aparece como uma ação oral-auditiva complexa, pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora” (ZUMTHOR, 1993, p. 222).

A performance desnuda o ser poeta, mostrando, por intermédio da expressão, um mundo sensível que ontologicamente afeta os sentidos numa metafísica de gestos e palavras que revelam, de forma imprevisível, o ser no mundo, ampliando a própria existência, que se constrói a cada experiência vivida esteticamente.

Os signos da performance poética são criados a cada instante, a cada movimento do corpo e da entonação da voz. São construções que fluem na intercessão dos versos, penetrados em cada célula do corpo, fazendo do senciente um mundo estético que afeta o poeta e quem o escuta, numa interação, na qual o poético cria uma comunicação viva, corpórea, entre o poeta e o espectador.

Na há limites para a performance poética. Nela, o corpo amplia-se e se recolhe para novas expressões. Sempre há um novo começo e um recomeço para o que vai acontecer quando a poesia se aposa da dimensão sensível, fazendo do corpóreo um universo sempre em expansão.

Há toda uma efervescência dos sentidos do poeta/declamador e do espectador, por intermédio dos sensíveis contatos que a poesia faz, ligando e religando os corpos de ambos para uma experiência estética, sempre nova a cada vivência do estado poético. “Eis por que o verbo poético exige o calor de contato; e os dons da sociabilidade, a afetividade que se espalha, o talento de fazer rir ou se emocionar” (ZUMTHOR, 1993, p. 222).

Na performance poética, o corpo se contorce, caminha por labirintos de movimentos imprevisíveis sem a preocupação de achar a porta da comunicação, e, quando menos se espera, a expressão se joga numa arena de corpos que interagem numa mesma sinergia de um estado poético uno, sem hierarquias nem determinações. Nesse sentido, a poesia provoca o ouvinte, tornando-o sujeito da abertura poética, e a voz do declamador é mais do

que uma expressão sonora, é um homem que sai do seu oculto para uma comunicação de revelação.

O ouvinte-espectador espera, exige que o que ele vê lhe ensine mais do que simplesmente o que ele vê, revele-lhe uma parte escondida desse homem, das palavras, do mundo. Essa voz não é mais a mera voz que pronuncia: ela configura o inacessível; e cada uma das suas inflexões, de suas variações de totalidade, de timbre, de altura... (ZUMTHOR, 1993, p. 229)

Durante a performance poética, o corpo germina, através dos gestos e da entonação da voz, palavras grávidas de poesias e movimentos repletos de poeticidade, nos quais cada expressão revela, do corpóreo, uma correnteza de sensibilidade, mostrando que, a cada movimento, a palavra e o gesto são caminhos para que a poesia fale por intermédio do corpo.

A dimensão corpórea da poesia em movimento, revelada por meio da expressão, é a transubstanciação do ser poeta que se anuncia ao mundo, comunicando-se com outros corpos para um estado uno e único. Cada performance torna-se, por isso, uma obra de arte.

O movimento da performance poética faz o corpo ir muito além do que o próprio poeta/declamador imagina ou determina. A poesia, aos poucos, vai se apossando da dimensão corpórea, penetrando na carne, no tecido da existência, mergulhando na região oculta dos sentidos e nos labirinto do ser, acendendo as tochas da afetação. Nesse momento, de repente, o corpo explode, os gestos ganham amplitude, a musculatura se estende, o volume sanguíneo nas veias e artérias aumenta, a temperatura da pele cresce e o corpo se joga para o abismo da imprevisibilidade, revelando a poesia no seu estado vivo, contagiante, expressivo e comunicante.

Quando o poeta se expressa, não são apenas as palavras que saem do seu âmago. Por meio dos gestos saem respirações, signos, símbolos e atitudes, numa linguagem de constantes movimentos, como forma de se mostrarem ao mundo, revelando todo um universo de significações.

O corpo tanto é o canal dos sentidos como é o próprio sentido de se fazer presente nas palavras, na expressão e na comunicação. A poesia,

por meio da expressão do corpo em movimento, revela o poeta num estado de devaneio, alterando a condição sensorial através de uma infinidade de sensações estéticas, as quais se mostram por meio dos gestos, dos olhares, do tom das palavras, da respiração, da postura corporal, dos ritmos das palavras, todos revelando um universo de expressões que transforma o invisível em visível.

O estado de devaneio do poeta é o corpo em movimento, que eleva os sentidos e abre a visão corpórea para o que se passa ao seu redor e em si mesmo, absorvendo imagens e permitindo um diálogo entre o mundo percebido e vivido, sem a presença racional do pensamento cristalizado das ideias fixas, da razão suprema.

O mundo percebido e vivido poeticamente pela dimensão dos sentidos é um mundo em constante transformação, em movimento de construção e reconstrução, em latência do imaginário para a expressão do real, em revelação do *Ser* e do corpo, enfim, do humano, na sua forma expressiva de estar no mundo.

Embora a expressão seja a maneira mais representativa do corpo em movimento, ela não se mostra por completo. Sempre fica, por trás dos gestos, algo que não se faz presente por inteiro, como se fosse um observador do que está acontecendo.

No momento da expressão, nada está pronto ou determinado. Os gestos, o mover-se, a posição do corpo, o tom da palavra, tudo isso vai sendo revelado de maneira espontânea, sem aviso do que vai acontecer, e, de repente, o corpo explode numa sinergia contagiante que envolve a todos. “Mas há também a improvisação daquele que, voltado para o mundo que quer expressar, acabou por cada palavra, chamando uma outra, construir para si uma voz que é mais sua que seu grito das origens” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 82).

A expressão do estado poético vivido pelo corpo é revelador de um mundo encantador, que se mostra, criando significações antes latentes. É como a semente que, ao eclodir, se transforma em árvore, revelando do oculto as raízes, o tronco, os galhos, as folhas, os frutos, as cores e o perfume.

O transbordar da poesia, por meio da performance, explode os sentidos, tornando os gestos expressivos, os quais se mostram na linguagem corpórea.



A expressão poética germina o que o poeta foi tocado, e revela sempre o que o olhar esposou para além da superfície, em busca da profundidade. É no mover-se por meio da poesia que o corpo se expressa para além do simples gesto. A expressão através da poesia adquire uma dimensão ampla e indeterminada e nos entrelaça com ela, fazendo do corpo um meio de estar no outro.

O corpo nos une diretamente às coisas por sua própria ontogênese, soldando uma ao outro os dois esboços de que é feito, seus dois lábios: a massa sensível que ele é e a massa do sensível de onde nasce por segregação, e à qual, como vidente, permanece aberto. E ele é unicamente ele, porque é um ser, em duas dimensões, que nos pede as próprias coisas, que não são seres planos, mas seres em profundidade, inacessíveis a um sujeito que os sobrevoe só abertas, se possível, para aquele que com elas coexista no mesmo mundo. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 132)

A expressão corpórea é a estesia no momento em que o corpo se entrega ao mundo, revelando, de forma indeterminada, novos sentidos e significados, tanto da relação consigo próprio como em relação à cultura.

As falas e os gestos na expressão poética têm uma amplitude de existência própria da ação do corpo que fala através da poesia. O mover-se comum não alcança a sua dimensão por ter outra significação. Na expressão através da poesia ou de outras artes “são indivíduos, quer dizer, seres em que não se pode distinguir a expressão do expresso, cujo sentido só é acessível por um contato direto e que irradia sua significação sem abandonar seu lugar temporal e espacial” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 177).

Como percebemos hoje em dia, a comunicação do mundo tecnológico tem alcançado as formas mais variadas numa velocidade impressionante, sempre com novos recursos surgindo a cada instante, muitas vezes vazia de qualquer significação humana, sem afetos e ternura, mas com imagens de efeitos mirabolantes que seduzem o mundo inteiro, tornando-se uma espécie de ditadura. Esta, de certa maneira, tem fragmentado a existência, estereotipando pessoas e roubando-lhes a condição humana de existir, cortando, assim, os fios da

comunicação viva, corpórea, ardente, repleta de emoções, de sentidos e significados. Nesse contexto, a poesia torna-se necessária de estar e se fazer presente na comunicação.

O mundo precisa dos avanços tecnológicos da comunicação, mas também precisa da poesia como forma de humanização entre as pessoas, numa época em que o embrutecimento e a perda da interioridade se espalham como uma espécie de epidemia. Por isso, temos de pensar que a comunicação não é só a forma de trocar palavras, mas de vivê-las, de ser parte delas, as quais podem ser sentidas por meio da poesia, superando a concepção da comunicação restrita à troca de ideias, sem nenhuma participação de uma pessoa no mundo da outra, fazendo com que vivam distantes, sem qualquer relação corpórea.

A comunicação concretizada pela poesia envolve os corpos numa harmônica estesia e convida o leitor ou ouvinte a entrar no mundo do poeta e participar dele, percebendo-o e vivendo-o de forma sensível, em constantes diálogos corpóreos, construindo novas significações através da experiência vivida.

A poesia constrói um mundo de comunicação entre o poeta e o leitor. Este se apropria do que foi vivido, e, por intermédio da poesia, surge uma comunicação repleta de novos sentidos.

Se na leitura da poesia há um imbricamento do leitor com o poeta, uma vez que a experiência estética é vivenciada por ambos, na expressão da performance, há toda uma energia do senciente/sensível que se apossa do ouvinte.

Há em toda expressão uma espontaneidade que não se submete a regras, nem mesma àquelas que eu gostaria de dar de mim mesmo. As palavras, mesmo na arte da prosa, transportam aquele que fala e aquele que ouve para um universo comum, conduzindo-os a uma significação nova, mediante uma potencia de designação que excede a definição que elas receberam. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 109)

Na performance poética, o corpo se mostra em movimento e embalado de expressões que vão de encontro ao ouvinte, e, como o sol entre as folhas das árvores infiltra os raios no chão, as palavras

penetram na carne, nos sentidos, afetando a existência e criando uma comunicação corpórea.

Assim percebida a performance não é uma soma de propriedades que se poderia fazer o inventário e dar a fórmula geral. Ela só pode ser aprendida por intermédio de suas manifestações específicas. Ela partilha nisso com a poesia (e sem dúvida a poética) um traço definidor e fundamental. (ZUMTHOR, 2007, p. 42)

Na palavra dita poeticamente, há um entrecruzamento do falante e do ouvinte, criando uma comunicação grávida de significações, em que os corpos de ambos se entrelaçam, fazendo com que os dois vivam a mesma experiência estética e metafísica numa dialética que se expande e, “graças a operação concordante do seu corpo com o meu, o que vejo passa para ele, este verde individual da pradaria sob meus olhos invade-lhe a visão sem abandonar a minha” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.128).

Não há um abandono do corpo do falante para o do ouvinte no instante da performance poética, mas uma sensibilidade vivenciada por ambos, impulsionada pela palavra dita poeticamente. Tudo se passa no universo do sentir poético.

No momento da performance, acontece uma interação de corpos, em que a mímica, a voz, a palavra nunca são determinados e nem estão prontos. Tudo se passa de forma espontânea, levando o estado poético de quem fala ao ouvinte. Por isso “a performance é um momento privilegiado da ‘recepção’: aquele em que o enunciado é realmente recebido” (ZUMTHOR, 2007, p. 141).

Viver o mundo a partir da poesia é estar sempre se constituindo de sentidos; é estar aberto para o que se passa no mundo; é entregar-se ao corpo de uma forma ampla; é estar no outro como o outro está em nós. Na performance, é como se existisse um fio condutor levando as sensações do corpo do poeta para o corpo do ouvinte. “Quando assisto ao começo das condutas de outrem, meu corpo torna-se meio de compreendê-las, minha corporeidade torna-se potência de compreensão da corporeidade alheia” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 23).

Viver o sensível por intermédio da comunicação poética é construir uma existência de relações,

aumentando a dimensão da compreensão de nós mesmos enquanto seres de um mesmo mundo.

A poesia, abertura ampla dos sentidos, permite ao homem sentir e ver o mundo de forma diferente. Ela, por afetar de forma profunda os sentidos, abre espaços para diálogos numa intercomunicação entre o poeta e o ouvinte por meio da performance.

Quando o poeta se coloca na dimensão do sensível, seu estado de abertura amplia horizontes e ele se entrega ao mundo. Não é uma perda da identidade ontológica, mas uma abertura imprescindível de relações. Não se pode construir o mundo, transformá-lo, construir-se e transformar-se sem ter a presença da dimensão sensível. Não se pode estar alheio ou esquecer o que é inerente ao homem.

Seria esquecer que o sensível é o ser a distância, atestado fulgurante, aqui e agora, de uma riqueza inesgotável, Seria esquecer que as coisas estão apenas entreabertas diante de nós, reveladas e escondidas; É impossível dar conta dessa experiência inaugural quer fazendo do mundo um fim, quer fazendo dele uma idéia. A solução – se houver – só há de surgir quando interrogarmos essa camada sensível, ou, então, quando deixarmos cativar por seus enigmas. (MERLEAU-PONTY, 1989, p.162)

Na experiência de mundos vividos, a comunicação pela poesia, vivenciada na performance, acontece sempre grávida de significações, possibilitando o parto da interação e fazendo nascer uma forma humana de relações numa época de tanto afastamento entre as pessoas.

O mundo está cada vez mais fragmentado e ao mesmo tempo uniformizado. A existência cotidiana cada vez mais informe e padronizada, ao mesmo tempo. Vivemos em uma sociedade hiper-individualista e anti-pessoal. Cercados de tecnologias de comunicação. Sentimo-nos cada vez mais inexpressivos e solitários. Poucos são os diálogos que nos reconhecemos. A era da informação e da inteligência tem produzido novas formas de ignorância e de estupidez: estamos saturados de informações e de cálculos e ao mesmo tempo precários de conhecimento e reflexão. (ANTONIO, 2002, p. 16)



Os diálogos feitos por meio da poesia constroem uma comunicação corpórea, numa dialética que entrelaça os seres para uma vivência estética, na qual as palavras e os gestos são os elos que ligam mundos distintos, que se tornam uno para uma singular experiência da sensibilidade. “Esse movimento liga-se em seqüência, encadeia-se, desenha visual e tatilmente, diante do outro, uma escritura do corpo, linguagem analógica, em continuidade ao seu ambiente circunstancial e social” (ZUMTHOR, 1993, p. 242).

A energia poética da vivência estética afeta, de maneira profunda, não só o poeta no momento da performance. Os outros corpos presentes também se envolvem na mesma dança dos sentidos, numa cadência suave e, ao mesmo tempo, intensa, que dilacera o orgânico fazendo o corpo buscar um novo equilíbrio. “O acasalamento dos corpos, isto é, o ajustar de suas intenções numa só parede que se chocam dos dois lados, está latente na consideração de um só mundo sensível participável por todos, e oferecido a cada um (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 214).

A expressão do corpo em movimento, engajada pelo mundo da poesia, impulsionada pelo dizer poético, transforma a aparência do corpo, cria e recria novos gestos, novas entonações, iluminando o corpóreo com milhões de estrelas de sensibilidade, dando ao poeta uma nova dimensão de ser e de estar no mundo.

Viver o estado poético no momento da performance faz o corpo buscar outros sentidos e significados em relação ao seu cotidiano de existência. A expressão sinérgica faz ruir as muralhas da razão fria e objetiva tomando o corpo por inteiro, fervilhando vulcões sensíveis, antes adormecidos pelo sentido prosaico da vida cotidiana.

A performance engloba o poeta e os ouvintes, fazendo do momento uma só existência sensível que se revela ontologicamente. Cada movimento do corpo, no ato do dizer poético, surge de onde menos se espera, e, como o sol matinal, essa performance adentra as brechas do telhado da existência, iluminando cada espaço do Ser corpóreo, jogando faíscas de luzes poéticas nos recantos mais escondidos da vivência estética, clareando a vida com fulgores de sensibilidade e encantamento com o mundo da palavra declamada poeticamente.

Dessa forma, o poeta ultrapassa as barreiras do medo de se expor e se joga nas procelas do sentir e do movimento, sem um porto previsível para ancorar a poesia declamada. De repente, a performance é contaminada pelo mundo da estesia e encontra portos abertos para o corpo, que transborda expressões e enterra a âncora do dizer poético nas areias profundas dos corpos dos ouvintes presentes no ato da declamação.

No momento da performance, os sentidos latentes da existência despertam da subjetividade do ser para se transformarem no gesto, na palavra dita poeticamente, por meio dos quais a dimensão corpórea abraça a poesia, acaricia os versos e oferta as palavras prenes de sentidos para que estas gerem, em cada corpo presente, uma nova significação, repleta de sinergia e englobada pela vivência sensível da experiência estética. Esse instante de arrebatamento do viver poético nos mostra que,

com as in-tensidades de suas ambigüidades e ambivalências, o estado poético também é rasgante. Nos precipita nos abismos do belo e do feio, nos desafios das cordas bambas. Nos joga na voracidade dos redemoinhos, nos princípios das zonas íngremes. Faz lampear estados de paixões estremecedoras em que podem rebentar momentos de prazer e de correnteza, bem como momentos de dores e de angústias; interpõe a ambos. Penetra e revolve as fraturas, a precariedade e a tragicidade da condição humana no fremir da sua carne trêmula. (ARAÚJO, 2008, p. 127)

O mundo sensível em turbilhões de sentires, como visto na citação anterior, mostra o corpo, durante a performance, desobedecendo às lógicas do movimento determinado e linear. Ele quebra os grilhões do mecanicismo que o percebe como algo pronto. Em cada gesto, em cada movimento, por mais sutil que seja, percebemos gritos que antes estavam sufocados, alegrias que suplicavam o momento exato para se fazerem presentes, pressões que tentavam algum aprisionamento, tensões da vida prosaica que dormiam nas grutas profundas da existência.

O movimento performático do corpo, no estado poético, é um transgressor da previsibilidade para uma abertura suave, intensa, que o harmoniza e, ao mesmo tempo, dilacera para um estado sinestésico.



Na plasticidade de suas curvaturas, o corpo é ir-reduzível, imbuído de incomensurabilidade. Não se cabe nas fôrmas instituídas dos clichês e das leis que o pretendem empadronar, conformar e silenciar. Irreverente, no fluxo de suas afecções e no lampejar de seus feixes, ele transgride os determinismos reducionistas, os modelos que comprimem e cerceiam seus movimentos, a pregnância se suas vibrações co-moventes. Com suas torções, escapa à unidimensionalidade das normas que o pretendem domesticar e enrijecer. Suas in-tensidades desinstalam e desbordam as lógicas instrumentalistas, desafiam cânones que o pretendem conformar aos auspícios da homogeneização. (ARAÚJO, 2008, p. 75)

A experiência sensível se faz presente no palco das sensações do mundo vivido do poeta/declamador. A magia do palco, a expectativa do público presente, as expressões dos corpos abertos ao dizer poético são momentos sensíveis constantes entre o declamador e o ouvinte.

Nas performances, o corpo se move sem nenhuma interferência de algo programado, e os gestos fluem numa correnteza de movimentos indeterminados que vão sendo construídos a cada palavra dita, sem o declamador ter a mínima noção do que está acontecendo, apenas sentindo o corpo se contorcendo, elevando os batimentos cardíacos e sentindo uma espécie de ardência incendiando as florestas sensoriais da dimensão corpórea, afetando outros corpos presentes.

A sinestesia do dizer poético nos proporciona sentir ou perceber as imagens que as palavras evocam. Assim, muitas vezes, o poeta, quando se refere ao crepúsculo, visualizamos imagens de uma tarde que se derrama em vermelho sangrento, como se o céu fosse perfurado e se desmanchasse em sangue.

A sinergia da poesia, na dimensão dos sentidos, harmoniza o corpóreo para uma melodia poética em que a sensibilidade é o maestro da música da afetação estética, causada pela comunicação da performance. Essa harmonia sensível humaniza a vida para uma melhor relação do homem consigo mesmo e com o mundo que o cerca, abrindo-se, assim, novas fronteiras para uma convivência ética, na qual os valores da vida e da dignidade humana sejam a máxima para um mundo de relações ainda

tão fragmentadas.

A interação proporcionada pela performance e pela energia da comunicação corpórea amplia as relações e envolve as pessoas numa sensível e entrelaçada existência, desconstruindo a fria comunicação do mundo em que vivemos, abrindo espaços para novas significações, sempre indeterminadas e imprevisíveis, as quais expandem a experiência de cada um e fazem da poesia um caminho aberto para a compreensão de si mesmo, educando os sentidos para construção de uma existência mais humana.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIO, Severino. *A utopia da palavra: linguagem, poesia e educação*. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2002.
- ARAÚJO, Miguel Almir de. *Os sentidos da sensibilidade: sua fruição no sentido de educar*. Salvador: Edufba, 2008.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O olho e o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O fenômeno da linguagem*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1989. Coleção Os Pensadores.
- \_\_\_\_\_. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva; Cosac & Naify, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e pedagogia da criança*. São Paulo: Martins Fonte, 2006.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Escritura e nomadismo*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

